

massa é passo fundamental no domínio da literatura que reescreve, sempre num espaço privilegiado, a história de uma sociedade.

No jogo das letras o prazer da leitura deve ser a aventura maior. Ao professor não cabe escolher os lances de seus alunos e sim oferecer, como sugestão, uma parceria a ser experimentada na construção do conhecimento. Se a escola assumir a formação do aluno de modo integral provavelmente deixará de lado o volume de informações e se preocupará com a voz de um sujeito a ser fortalecida. É apostando em práticas dialógicas que a escola tem chance de assumir a leitura da literatura como um diálogo entre linguagens e de assegurar um espaço ao leitor para as suas experiências com outros textos que ele arrisca ler.

Abstract:

Literature has no longer the same effectiveness because of mass communication. This essay rethinks the role of literature at today's school, suggesting an approximation between literary and non-verbal texts to assure dialogical praxis in reading.

Keywords:

teaching, literature, music, cinema, television

O TEXTO DA TRIBO

Tânia Regina Oliveira Ramos*

Resumo:

A partir de artigo da Veja, abril de 95, sobre o que pensam os jovens do mundo todo, a autora faz uma análise dos temas "em alta" e "em baixa", comparando-os a redações do vestibular da UFSC, em 1994.

Palavras-chave:

Redação no vestibular, ensino de redação, redação e discurso

A revista VEJA de 19 de abril de 1995 tem como reportagem de fundo uma análise do resultado da pesquisa exclusiva feita pela agência americana D'Arcy, Masius, Benton & Boules, DMP & B, e suas associadas espalhadas pelo mundo, mostrando que os jovens de todo mundo querem e pensam sobre as mesmas coisas. Na capa um corpo fotografado dos lábios à cintura, na proporção suficiente para identificarmos a juventude do rosto e aquela mesma e conhecida calça velha, azul e desbotada. Em síntese, a capa é uma camiseta branca e básica, o modelito preferido de dez entre dez jovens entrevistados. Nesta camiseta foram colocadas as frases consideradas as mais significativas da pesquisa. "Eu sou mais eu", "Quero um bom emprego", "Conforto sim, riqueza, não", "Eu acredito em computador", "Político é o fim" e a expressão-chave: "A Tribo". No corpo da reportagem intitulada "Planeta Teen" vem a revelação do que querem, como pensam e de que modo vivem os jovens da primeira geração verdadeiramente global da História.

Pois bem: segundo a pesquisa foram consultados 6547 jovens, de ambos os sexos, entre 15 a 18 anos, das classes A e B, de 26 países dos cinco continentes. No Brasil, a entrevista foi feita com 448 alunos e alunas de escolas particulares do Rio de Janeiro e São Paulo. Alguns pontos chamam a atenção, principalmente daqueles que são interessados na cultura contemporânea e na educação formal dos jovens, obviamente não só da classe A e B. A pesquisa americana constata que estão em alta, entre estes jovens: arte, revistas, TV, esoterismo, artistas e comunicação. Em baixa: política, livros, teorias sociológicas, religiosidade, ídolos políticos e reflexão.

* Professora de Literatura Brasileira - Universidade Federal de Santa Catarina.

Introduzo assim a minha leitura de aproximadamente mil redações de jovens (das classes A, B, C e, quem dera, D), que, no Vestibular de 1994 da UFSC, debruçaram-se sobre um assunto que envolvia um aspecto em alta: esoterismo e, pelo menos, três em baixa: religiosidade, teorias sociológicas e reflexão. Na pesquisa americana bastava marcar um X nos assuntos que se referiam à violência, à morte, ao futuro, às profecias, às crenças, ao fim do mundo entre outros. Nos textos que li, os jovens tinham que desenvolver dissertativamente (20 a 30 linhas) um tema mais complexo. Tivesse a pesquisa americana mandado os jovens *brasileiros* usarem a expressão oral e escrita para manifestarem as suas opiniões sobre o mito da imortalidade ou sobre as expectativas da mortalidade, o resultado seria o mesmo? Não acredito que seria tão fácil definir com precisão o que pensam realmente os jovens “da primeira geração global da História”. Mesmo em situação de avaliação e competição, eles não conseguem disfarçar os seus enganos e os seus equívocos. Sabemos que, neste caso, poderemos culpar a escola e a educação formal, mas o resultado que aqui apresento, serve, em paralelo, a estas pesquisas sobre adolescência e juventude em geral, para uma avaliação do vazio intelectual e cultural, dos equívocos formais e informais que os jovens apresentam, quando precisam pensar ou articular a sua linguagem sobre questões outras, ainda mais quando estas questões outras não lhes dizem respeito. Apesar de os jovens, nesse nível de escolaridade serem reconhecidamente capazes de ler e escrever, não o fazem em uma linguagem adequada.

Eis o tema da reflexão proposta: **Certos fanáticos religiosos, além dos adeptos das profecias nebulosas de Nostradamus, dos pessimistas, políticos e filósofos e de torcedores de times invariavelmente perdedores, vêm em nossos tempos conturbados, sinais irrefutáveis de “fim de mundo”.**

O primeiro conflito: o jovem tem que saber sobre o que falar. Entre tantas informações e referências, ele opta pela facilidade: “Eu tenho que falar sobre o fim do mundo. Está entre aspas e sublinhado”. Seria muito complicado aventurar-se pelas sendas do fanatismo religioso ou pelas veredas da desilusão com o mundo contemporâneo. É bom lembrar que, durante os dias deste Vestibular, a imprensa catarinense entrevistou vários candidatos e candidatas e houve unanimidade em considerar *muito fácil* o tema da redação, que para eles era indiscutivelmente o *fim do mundo* (a expressão no texto-base era *fim de mundo*). Esta facilidade merece ser avaliada. O que significa redação fácil? Há que se considerar que em nome desta facilidade todos tinham o que dizer sobre as suas expectativas ou os seus espectros do final do mundo. A religiosidade (aqui em alta) perpassou por todos os textos, através das tradicionais posições de crenças e descrenças. A presença do céu e do inferno polarizou as idéias, seja pelas citações bíblicas, seja através da idéia cristã do paraíso. Complicam-se as suas interpretações, no momento em que eles realmente não raciocinam em termos de começo, meio e fim.

Mas o que eu quero mostrar é que diante deste tema “vencedor” pela facilidade, a oralidade marcou fundo a escrita dos textos. E não poderia ser diferente. Religião aprende-se ouvindo, de geração para geração, nas aulas de catequese e de Educação Religiosa, nas missas, nos cultos, nas assembléias, nas conversas informais, em discussões gratuitas. Melhor: religião não se aprende. O que se constatou em função desta oralidade? Uma escrita descompromissada com leituras sobre o assunto e palavras ou o uso de expressões ouvidas indiscriminadamente e nunca normatizadas. Vale a pena reproduzir algumas colocações para se entender e avaliar a gravidade destes erros: “as pessoas andam disnorteadas”, “o fim do mundo é simplismente obscuro”, “para nós as primunições são terríveis”, “os espíritos maus abito o mundo e os bons abito o céu”, “Esperemos pela altopcia final”, “Os adeptos das seitas míticas são lunáticos”, “Tudo terminará expludindo”, “Os hubadistas são o maior mal da humanidade”, “Tudo vai acabar em penumbra”, “É muito difíceo uma previsão” ... Uma amostragem apenas. Não pretendo apontar culpados, mas mostrar os desacertos da linguagem de uma boa parcela da “tribo”. Eles entrarão na Universidade (se é que já não entraram). A falta de leitura e o desconhecimento vocabular são as marcas maiores. Cito três títulos: **As Profissões, A Perca e o Fracasso e Apocalipse Nau**. Mas eles fazem suas leituras. Foram inúmeros os textos que citaram Daisaku Ikeda, Lair Ribeiro e, especialmente, Paulo Coelho. A leitura destes autores era manifestada nas frases de conclusão dos textos: *Acredite em você!, Você não é eterno!, Lutel!, Sigal!, Construa, não destrua!, Ensina-me o caminho das pedras!*. Não se busca desfazer das gírias, da pobreza vocabular, das limitações expressivas, nem se reforçar a assimilação da linguagem padrão. Pretende-se apenas mostrar que o modo informal de conhecimento adquirido pelos meios de comunicação de massa e pelas vantagens da indústria cultural pode estar contribuindo para sua negação.

Continuando: e aqueles que conseguiram escrever sobre outras questões como fanatismo, política e futebol? Perderam-se, igualmente, pois seja for o assunto, *eles ouviram falar ou apareceu na televisão*. O nível culto, a linguagem clara e correta, ainda que buscados por eles, diluem-se em chavões como “mórbidos preságios”, “doença sem cura”, “o desejo de vida eterna”, “perdoem os nossos pecados”. Ou “Os pessimistas e os positivistas encaram o fim do mundo de forma divergente” e “O homem foi feito por Deus com terra, água e duas costelas humanas”. Influenciados também pelos acontecimentos políticos mais recentes no Brasil citaram roubalheiras, enxergaram luz no fim do túnel e não querem saber mais de “politicalhas”. O futebol foi bastante mencionado, embora centrado nas idéias de violência nos campos de futebol e no fanatismo dos torcedores, para não fugirem da escolha “assinada”. O que chamou atenção foi a variação na escrita da palavra futebol, erro praticamente inadmissível se considerarmos sua importância na cultura brasileira e o fato de que 1994 era o ano da Copa do Mundo, o que repercutiu com

intensidade nos meios de comunicação de massa: *football, futibol, foottiball e fultebol*. Aqui se evidencia a avaliação feita de que o jovem tem a sensação de estar presente a todos os eventos, mas isso não significa a garantia de sua atenção e consciência, que lhe permita processar e registrar todas as informações que recebe.

Ressalve-se que há exceções. Alguns jovens conseguiram ser criativos e mostrar certa maturidade na apreensão do tema, partindo até para situações inusitadas, como uma boa reflexão sobre a complexidade do sentido de fim de mundo, que na visão de um nordestino que vem para São Paulo, pode ser resumida: "*Sai do fim do mundo para viver em um fim de mundo*". Ou aquele que relativizou a questão pela perspectiva dos dinossauros: "*É tudo uma questão de ciclos. Para os dinossauros o mundo já acabou*". E ainda o que conseguiu relacionar a psicanálise e a religião com conceitos modernos e seus conflitos: "*A religião faz o homem se sentir pecador, a psicanálise o faz se sentir culpado*".

E a presença de Nostradamus no texto, onde através de sua citação o jovem vestibulando teria a oportunidade de expressar as suas crenças em profecias mais populares? Como fazia parte do enunciado, Nostradamus foi citado com uma regularidade significativa. Chama a atenção a capacidade dos candidatos e das candidatas, neste caso específico - ou a incapacidade de não apreenderem (note que eu não falei aprenderem) a grafia correta de palavras ou nomes que, de certa forma, já lhes são familiares. Nostradamus apareceu em inúmeros textos como Nostradamus. Apareceu também como Nós Tradamus e Nostragamus. E para registrar a sua importância, ele recebeu as mais variadas funções e profissões: "o maior filósofo da humanidade", "médico oriental", "um gênio", "um astrólogo humanitário", "um vidente do século XIX". Houve quem dissesse que "Nostradamus previu o final do mundo há muitos milênios passados". A sua presença nas redações mais confundiu do que esclareceu o que significaram "as suas profecias nebulosas para o tempo conturbado".

Porém, são as desinformações que eles decidem nos passar, os aspectos mais assustadores. Depara-se com afirmações como estas: "*Nem percebemos que a AIDS é também causada pelo sol e pela camada de ozônio*", "*a AIDES é a atual exterminadora do futuro*", "*o BIG BEEN é uma molécula mínima*", "*o BIGUE BANGUE é a descoberta do século*", "*Os homens matam e sacrificam. Não podemos nunca esquecer da Daniela Péries*" ou "*A campanha de Albert de Souza contra a fome é um sintoma de salvação*". Há ainda afirmações que beiram o *non sense*: "*Os sacerdotes são os únicos seres humanitários capazes de desejar um feliz e próspero fim de mundo*". Parece que na redação do Vestibular, parte do processo de entrada no 3o. grau, o que leva os jovens candidatos a quererem mostrar o melhor de seu conhecimento formal, apesar de muitos esforços, o conceito e Guimarães Rosa de que "a vida e a linguagem são a mesma coisa" precisa ser retomado. Constatado, porém, que os jovens do Vestibular se sentem muito à vontade

para assumir a "língua da tribo": "*O homem é o bicho mais burro entre os seres humanos*", "Já estou careca de saber que o mundo vai acabar", "*Não deixe a peteca cair*". Ou o seu regionalismo particular: "O fim do mundo é um castigo para os mandriões". Neste aspecto convém ressaltar o "excesso de franqueza" e de "espontaneidade". Talvez influenciado por um modelo que privilegia a desinibição do sujeito na construção de um texto criativo, um jovem autor usou mais de uma dezena de vezes a palavra "caralho" e outro fez, com muita graça e oportunismo (embora a afirmação profética não seja de Nostradamus), a sua leitura particular: "*Se Nostradamus estiver certo - de mil passarás, a dois mil não chegarás, espero que esta redação ajude na minha aprovação no Vestibular, pois, caso contrário, não conseguirei me formar antes do fim do mundo.*"

Estes textos já foram julgados e avaliados. Sob meu ponto de vista, o tema não foi feliz. Inevitavelmente levaria os jovens candidatos a escreverem sobre suas idéias hipotéticas e abstratas em torno de um futuro apocalipse. Para que um jovem interaja cooperativamente com o texto que lê ou escreve é preciso que ele saiba negociar um referencial sócio-cultural com esse mesmo texto. Mas não se busca aqui esta avaliação. Já aconteceu e os principais interessados acharam muito fácil. O que se buscou foi realmente refletir ou provocar, na prática, a discussão, entre pais e professores, sobre o que pensam, dizem e escrevem os jovens brasileiros. a: geração "pós-teen", mesmo vivendo sob o bombardeio da "onipresente indústria cultural" e "com extraordinário acesso à informação". Segundo um deles, "*é melhor deixar o fim do mundo para o fim do mundo porque o fim do mundo está longe de estar perto*". É... Realmente, mesmo na era da tribo global, a História continua, às vezes, a andar para trás.

Abstract:

The author analyzes which themes are "in" and which are "out", contrasting an article from Veja (April/95) about what young people around the world think and the Vestibular/94 compositions from UFSC.

Keywords:

Vestibular composition, teaching writing, writing and discourse